



V Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística



13-15 de setembro de 2021

Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil



Nelim

**Programação, Anais e Caderno
de Resumos**



V EBIME
ENCONTRO BRASILEIRO DE IMAGINÁRIO E ECOLINGUÍSTICA
13 - 15 DE SETEMBRO DE 2021

FICHA TÉCNICA

V EBIME - Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística

Periodicidade: bianual

Encontro científico: 13 - 15 de setembro de 2021

Local: Universidade Federal de Goiás /UFG - Campus Samambaia/ Faculdade de Letras

ISSN 2447-5289

Editores Responsáveis: Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/NELIM/GEPLE)
Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM/CNPq)

Endereço:

Campus Samambaia (UFG), Faculdade de Letras

Av. Esperança, S/N – Chácaras Califórnia

Goiânia – GO – Brasil

CEP: 74690-900

Telefone: (62) 3521-1160

Homepage: <https://letras.ufg.br/>

COORDENAÇÃO GERAL

Anderson Nowogrodzki (UnB/NELIM/GEPLE)

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM)

Hildo Honório do Couto (UnB/NELIM/GEPLE)



V Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística



13-15 de setembro de 2021
Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil

Programação, Anais e Caderno de Resumos



ISSN:
2447-5289

Website: <https://ebimeufg.wixsite.com/my-site-1>

GOIÂNIA-GO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
2021



V Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística



13-15 de setembro de 2021
Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil

COMISSÃO ORGANIZADORA

Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB): a.nowogrodzki2@gmail.com

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG): kiokoelza@gmail.com

Hildo Honório do Couto (UnB): hiho@unb.br ou hildodocouto@gmail.com

Mayara Macedo Assis (UFG): mayara_97@hotmail.com

Felipe Rodrigues de Araújo (UFG): arfelipe@discente.ufg.br



V Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística



13-15 de setembro de 2021
Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandre António Timbane (UNILAB/GEPLÉ)

Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/UFG/NELIM/GEPLÉ)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM/GEPLÉ/CNPq)

Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM/GEPLÉ)

Hildo Honório do Couto (UnB/GEPLÉ/NELIM)

Lorena Araujo de Oliveira Borges (UnB/NELIM)

Maria Célia Dias de Castro (UEMA/UEMASUL/NELIM)

Maria Zaira Turchi (UFG)

Pere Comellas Casanova

Rui Ramos (Universidade do Minho)

Samuel de Sousa Silva (UFG/NELIM)

Zilda Dourado (UEG/NELIM)

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO RESUMIDA.....	6
PROGRAMAÇÃO DETALHADA.....	9
RESUMOS.....	16

Programação Resumida

Primeiro dia (segunda-feira, 13 de setembro de 2021)	
9h – 9h30	Sessão de abertura
9h30 – 10h30	Palestra de abertura – Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB)
10h30 – 10h45	Intervalo
10h45 – 12h	Sessão de comunicações
12h – 14h	Intervalo para almoço
14h – 15h	Palestra - Antonio Busnardo Filho (UNIVAG-MT)
15h – 15h15	Intervalo
15h15 – 18h	Sessão de comunicações

Segundo dia (terça-feira, 14 de setembro de 2021)	
9h – 10h	Palestra – Pere Comellas Casanova (Universitat de Barcelona)
10h – 10h15	Intervalo
10h15 – 12h	Sessão de comunicações
12h – 14h	Intervalo para almoço
14h – 15h	Palestra – Hildo Honório do Couto (UnB)
15h – 15h15	Intervalo
15h15 – 18h	Sessão de comunicações

Terceiro dia (quarta-feira, 15 de setembro de 2021)	
9h – 10h	Palestra – Hertz Wendell de Camargo (UFPR)
10h – 10h15	Intervalo
10h15 – 12h	Sessão de Comunicações
12h – 14h	Intervalo para almoço
14h – 16h45	Sessão de Comunicações
16h45 – 17h	Intervalo
17h – 18h	Palestra de encerramento - Samuel de Sousa Silva (UFMS)

Programação Detalhada

Primeiro dia (segunda-feira, 13 de setembro de 2021)	
9h – 9h30	Sessão de abertura
9h30 – 10h30	Palestra de Abertura
	<i>Interação comunicativa virtual e violência</i> Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB)
10h30 – 10h45	Intervalo
10h45 – 12h	Sessão de comunicações
	<i>Ideias verdes no discurso do assentamento Dom Tomás Baulduíno</i> João Nunes Avelar Filho (NELIM)
	<i>Ecolinguística no Gênesis bíblico</i> Diego Pastana Silva Pedro Gomes (UFG) Sebastião Elias Milani (UFG)
	<i>Etnoecologia linguística: por uma abordagem léxico-semântica de etnoantropônimos balantas</i> Djiby Mané (UnB – FUP – LedoC)
	<i>Confluências entre a linguística ecossistêmica e os letramentos digitais e científicos: um relato de experiência do Programa Bolsas de Licenciatura (PROLICEN)</i> Felipe Rodrigues de Araújo (NELIM/UFG) Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/CNPq/NELIM)
12h – 14h	Intervalo/Almoço
14h – 15h	Palestra
	<i>As dinâmicas do feminino na fundação da cidade</i> Antonio Busnardo Filho (UNIVAG-MT)

15h – 15h15	Intervalo
15h15 – 18h	Sessão de Comunicações
	<i>Imaginário e mercado religioso: as estratégias de comunicação dos terreiros de umbanda em Curitiba</i> Amanda Araujo Godoy (SINAPSE-UFPR)
	<i>A narrativa messiânica na mitologia política da conspiração: o caso Bolsonaro</i> Aryovaldo de castro Azevedo Junior (UFPR) Bruno Branco Pessanha Lopes (UFPR) Ramon Fernandes Lourenço (Unila)
	<i>Inconsciente coletivo e o arquétipo do trickster: a circulação da imagem do Zé Pelintra na mídia para a representação da cultura brasileira</i> Diego Santos (UFSM) Hertz de Camargo (UFPR)
	<i>Encenação e encarnação: a trajetória das macumbas no cinema brasileiro dos anos 1960</i> Eduardo Martins Zimmermann Camargo (UFPR)
	<i>Diálogos sociais imaginados: filmes etnográficos pelo olhar feminino</i> Eveline Stella de Araujo (GRAVI-USP, PPGCOM-UFPR)
	<i>Uma perspectiva ecológica sobre as imagens orientais: o caso do animê Digimon Adventure 2020</i> Genis Frederico Schmaltz Neto (UniFANAP NELIM/GEPL)
	<i>Cultura alimentar: a linguagem da fé e a relação entre alimento e divindade na Umbanda</i> Hertz Wendell de Camargo (PPGCOM-UFPR) João Emerson da Costa (Faculdade Dom Alberto, ECCOS-UFPR) Terri Ulbrich (Faculdade Dom Bosco)

Segundo dia (terça-feira, 14 de setembro de 2021)	
9h – 10h	Palestra
	<i>Um corpo com apenas uma voz: imagens do estado nação e sua ideologia linguística</i> Pere Comellas Casanova (Universitat de Barcelona)
10h – 10h15	Intervalo
10h15 – 12h	Sessão de Comunicações
	<i>Análise do ecossistema ficcional em “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector</i> Mayara Macedo Assis (UFG) Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)
	<i>Interseções entre a Análise do Discurso Ecológica, a Economia Ecológica e a Ecologia Política: o compromisso com a natureza e a justiça social</i> Gilberto Paulino de Araújo (UFT/ GEPL / NELIM/ SOLEDUC) Davi Borges de Albuquerque (SEDUC-SE/ NELIM / GEPL)
	<i>A retórica da preservação: de como os discursos podem ser mobilizados para destruir a natureza</i> Lorena Araújo de Oliveira Borges (UFAL/Nelim) Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/Nelim)
	<i>Contribuições da diversidade biocultural para as categorizações dos nomes dos espaços geográficos</i> Maria Célia Dias de Castro (UEMA/UEMASUL-PPGL)
12h – 14h	Intervalo/Almoço
14h – 15h	Palestra
	<i>O ecossistema mental da língua</i> Hildo Honório do Couto (UnB)

15h – 15h15	Intervalo
15h15 – 18h	Sessão de Comunicações
	<i>Julinha, a moça do bar, sob a ótica da Análise do Discurso Ecológica e Imaginário</i> Maria Ivoneti Ramadan (NELIM) Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/CNPq/NELIM)
	<i>Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: um estudo da fórmula religiosa benzeção</i> Natália de Paula Reis (UFG)
	Mídia, storytelling e criação literária: encontros e ancestralidades Hertz Wendell de Camargo (PPGCOM-UFPR)
	<i>Análise do conto As Formigas, de Lygia F. Telles: uma perspectiva simbólica da animalidade</i> Jorge Lucas Marcelo dos Santos (UFG)
	<i>A construção de moods de consumo associados as cores sob a perspectiva do imaginário e dos arquétipos de Jung</i> Letícia Salem Herrmann Lima (UFPR) Amanda Prestes Serpe (UFPR e Grupo Boticário) Carla Abdo Brohem (Grupo Boticário) Lilian Longuini de Souza Wterkemper (Grupo Boticário)
	<i>Maneiras de (vi)ver a cidade: as representações sociais e as práticas cidadinas dos jovens rurais goianos</i> Lorrany dos Santos Ferreira (UFG) Andréa Vettorassi (UFG)
	<i>Ele ainda está entre nós: a pós-vida da imagem do diabo na série Lucifer (Netflix)</i> Nathalia Akemi Lara Haida (UFPR)

Terceiro dia (quarta-feira, 15 de setembro de 2021)	
9h – 10h	Palestra
	<i>Mito e storytelling na publicidade: processos de criação</i> Hertz Wendell de Camargo (UFPR)
10h – 10h15	Intervalo
10h15 – 12h	Sessão de Comunicações
	<i>Os tempos/modos verbais na linguagem da região de Major Porto (MG)</i> Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/CNPq/NELIM)
	<i>Toponímia dos municípios de Alagoas sob a perspectiva da Ecolinguística</i> Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG/ POSLLI/ GEPLÉ) Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS) Gilberto Paulino de Araújo (UFT/ NELIM/ GEPLÉ).
	<i>Por pretexto fora de contexto: a dinâmica da desintegração ecossistêmica das fake news</i> Samuel de Sousa Silva (UFMS/Nelim)
	<i>A interação em audiências nos contextos forenses: propostas para uma ecolinguística jurídica</i> Tadeu Luciano Siqueira Andrade (UnB/UNEB)
12h – 14h	Intervalo para almoço

14h – 16h45	Sessão de Comunicações
	<i>Cor, cinematografia e neurociência do consumo</i>
	Tiago Mendes Alvarez (UFPR)
	<i>O percurso gerativo de sentidos na produção visual ninja</i>
	Priscila Tobler Murr (UFPR)
	<i>O arquétipo do trickster</i>
	Rafaeli Francini Lunkes Carvalho (UFPR-PPGCOM/ Unicentro)
	<i>A Pombagira contemporânea: uma análise das fotografias do disco Trava Línguas de Linn da Quebrada</i>
	Renan da Silva Dalago (UEMS)
16h45 – 17h	<i>Naming e design de marca: o imaginário em processos de identidade verbal e visual com uso de eye tracking</i>
	Rodrigo Bueno (Sinapse, UFPR) Hertz Wendell de Camargo (PPGCOM-UFPR)
	<i>Sonhos de consumo, fé no Paraíso e funk ostentação: o videoclipe como altar sacrificial</i>
	Sionelly Leite (UFPR) Hertz Wendell de Camargo (UFPR)
17h – 18h	<i>Comunidade de fala artificial em evidência na pandemia: as salas de aula remotas, síncronas, à distância</i>
	Genis Frederico Schmaltz Neto (UniFANAP NELIM/GEPL)
Intervalo	
17h – 18h	Palestra de encerramento
	<i>Valor material versus Valor simbólico no Valor de mercado: Entropia estruturante do sistema – mundo capitalista</i>
17h – 18h	Samuel de Sousa Silva (UFMS)

Resumos

13 de setembro de 2021 – Palestra de abertura

INTERAÇÃO COMUNICATIVA VIRTUAL E VIOLÊNCIA

Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/UFG/GEPL/Nelim)

Ao observar a transposição da interação comunicativa face à face para a interação comunicativa virtual, evidenciam-se as mudanças nas regras interacionais, a reestruturação das formas de interagir comunicativamente e o modo como a incorporação cognitiva é fundamental para que o falante possa estender os limites de seu próprio corpo para um corpo virtual. Esse processo permite a constituição de comunidades de fala virtuais, possibilitadas pela existência das redes sociais digitais, em que o falante se incorpora cognitivamente por meio de um avatar digital, uma máscara virtual que pode ser um reflexo, uma aproximação ou uma distorção completa das suas identidades. Com base nos princípios da Linguística Ecológica (COUTO, 2007; 2013; 2016) e nos estudos sobre a interação comunicativa virtual (NOWOGRODZKI DA SILVA, 2018; 2021), esta pesquisa dá enfoque ao modo como a violência nas interações comunicativas se manifesta no ambiente virtual, na medida em que parece importar mais o compartilhamento de elementos que reforcem as identidades do avatar que está sendo construído e atualizado a todo o tempo do que a empatia nas relações humanas. Essas características intensificam a possibilidade de difusão de notícias falsas nas redes sociais digitais, de tomar posições ideológicas extremistas e de crescimento do preconceito abertamente. Sendo assim, o que realmente conduz a dinâmica da produção de um avatar no simulacro virtual é o quanto o que é dito e compartilhado se adequa à imagem de si que o usuário deseja criar.

Palavras-chave: Linguística Ecológica. Interação comunicativa virtual. Violência.

13 de setembro de 2021 – Sessão de comunicações (10h45 – 12h)

IDEIAS VERDES NO DISCURSO DO ASSENTAMENTO DOM TOMÁS BALDUÍNO

João Nunes Avelar Filho (NELIM)

Em suas narrativas durante distribuição de alimentos gratuitos produzidos pelo assentamento produtores do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), brigada Dom Tomás Balduino, usam como mote a produção sustentável dessa ocupação na zona rural do município de Formosa – GO. Tendo como base as teorias da linguística ecossistêmica e da análise do discurso ecossistêmico (Couto 2012) esta apresentação objetiva analisar a importância da diegese do agrupamento à espera de providência das autoridades para definitiva acomodação. No discurso expresso em cartazes na praça da Catedral da cidade eles distribuem toneladas de alimentos, momento em que o país volta ao mapa da fome, segundo estatísticas. O grupo demonstra uma grande preocupação ambiental que por sua vez contrapõem ao discurso do agronegócio. Sem o uso de agrotóxicos e com uma maneira de produção familiar e de não agressão ao solo, com produção diversificada, esse movimento local se legitima na medida em que propõe expõe suas ideias para uma vida saudável, preservação do meio ambiente, e desenvolvimento da agroecologia.

Palavras-chave: Ideias Verdes. Assentamento Rural. Agricultura Familiar.

ECOLINGUÍSTICA NO GÊNESIS BÍBLICO

Diego Pastana Silva Pedro Gomes (mestrando pelo PPGLL/UFG)
Sebastião Elias Milani (Professor Doutor do PPGLL/UFG)

A Bíblia é um livro rico tanto do ponto de vista da fé quanto do ponto de vista literário e científico. Ela é um arcabouço de dezenas de livros históricos, poéticos, proféticos, cartas, Leis, etc. Este trabalho se propõe a fazer uma análise pelo viés da Ecolinguística dos primeiros três capítulos do livro do Gênesis. E assim constatar se há realmente a ideia equivocada sustentada pela igreja ao longo dos séculos de o homem ser superior aos outros animais. Com esse trabalho de análise, é proposto também elucidar de forma discursiva a imagem de Cristo como a língua criadora do mundo; a prescrição de Jeová quanto ao modo ideal trófico do homem e dos demais animais; o processo de dominação, sujeição e nomeação do homem à realidade; e por fim a comunicação do homem com os outros animais.

Palavras-chave: Ecolinguística. Bíblia. Gênesis.

ETNOECOLOGIA LINGUÍSTICA: POR UMA ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA DE ETNOANTROPÔNIMOS BALANTAS

Djiby Mané (UnB – FUP – LedoC)

Objeto de estudo da etnoantroponímia, os nomes próprios em pequenas comunidades têm múltiplas funções incluindo sociais, culturais, religiosas e identitárias. Eles ocupam um lugar importante na construção da personalidade do indivíduo, permitindo identifica-lo entre seus pares, isto é, fazer com que ele exista e que seja reconhecido por outros membros da comunidade. Esta comunicação faz uma análise léxico-semântica de etnoantropônimos Balanta, uma língua falada em Casamança, região sul do Senegal, Guiné-Bissau e Gâmbia, partindo da premissa de que existe uma estreita ligação entre as palavras (língua) e o mundo (realidades). O presente estudo foi desenvolvido, tendo como base teórica os seguintes autores: Couto (2007), Agyekum (2006), Diao (1987), Diatta (2011), Dobrić (2010), Fédry (2009) e Tshiala (2011). De cunho bibliográfico, o estudo valeu-se da leitura de Mansaly (2017), Sadio (2018) e Sénégal (2008) e de dados coletados junto a falantes nativos. Por meio desse estudo, foi possível mostrar que a palavra balanta que parece um estrangeirismo do mandinga é na realidade um etnônimo que veio do singular ‘alante’ (homem), para caracterizar a bravura desse grupo étnico. Mostrou também que os etnoantropônimos balantas (*ftuuge*, nome de nascimento e *pedje*, apelido ou nome honorífico) não são criados *ex-nihilo* porque obviamente constituem mensagens expressas para externalizar ideias precisas sustentadas por motivações semânticas.

Palavras-chave: Etnoantropônimos. Balanta. Léxico-semântica.

CONFLUÊNCIAS ENTRE A LINGUÍSTICA ECOSSISTÊMICA E OS LETRAMENTOS DIGITAIS E CIENTÍFICOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA BOLSAS DE LICENCIATURA (PROLICEN)

Felipe Rodrigues de Araújo (NELIM/UFG)
Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (NELIM/UFG/CNPq)

Este trabalho se constitui pelo Programa Bolsas de Licenciatura (PROLICEN), em que se relaciona a Linguística Ecológica com o ensino de língua materna. O objetivo é a apresentação do relato de experiência do projeto “Perspectiva ecológica da linguagem: uma alternativa de ensino dos verbos enquanto classe gramatical”, o qual os letramentos digitais e científicos surgem em confluências com a teoria Ecolinguística. A Linguística Ecológica tem por perspectiva a Ecologia, priorizando a interação das comunidades falantes, parte-se da aceitação da Visão Ecológica de Mundo (VEM), visto que são utilizados conceitos da ecologia geral não apenas como metáforas para os conceitos linguísticos, mas de forma integral em que se estuda a exterioridade e a interioridade linguística. Assim, entende-se que a língua nasce, cresce e morre na interação com o outro. Para a realização do projeto, foram acompanhadas quatro aulas síncronas e disponibilizadas três aulas no Youtube para uma turma de 7º ano, abordando aspectos de letramento científico (HONDA; O’NEIL, 2017) e digital (DUDENEY; HOCKLY, PEGRUM, 2016), bem como a formação de novos verbos e variedades linguísticas (COUTO, 2013). Enquanto resultados obtidos, os letramentos digitais se fizeram necessários nesta pesquisa, pois, além do estudo da formação de palavras dentro do meio ambiente virtual, viu-se necessário as discussões acerca da modalidade linguística utilizada dentro desse meio ambiente, além das variedades da língua mais ou menos adequadas para determinado meio ambiente; o letramento científico possibilitou o diálogo, com a turma escolhida, acerca da área da ciência da linguagem, pois entende-se que levar a linguística para a sala de aula resulta em um avanço significativo para profissionais da educação, os quais entendem isso como um meio de legitimar o campo da linguística enquanto fazer científico na sala de aula.

Palavras-chave: Linguística Ecológica. Letramentos. Ecolinguística e Ensino.

13 de setembro de 2021 – Palestra

AS DINÂMICAS DO FEMININO NA FUNDAÇÃO DA CIDADE

Antonio Busnardo Filho (UNIVAG-MT)

A cidade tem o seu espaço dividido e classificado de várias maneiras e formas de apropriação, que nem sempre estão de acordo com os procedimentos legais dos Planos Diretores. Essas formas de apropriação são regidas por forças latentes, que mostram os princípios da fundação do núcleo urbano; mesmo que isso não seja percebido de imediato. É sobre essas forças que se pretende refletir, neste texto – compreender as dinâmicas do feminino que instituíram as cidades. Tomamos para este estudo bases de história do urbanismo, mas, principalmente, os estudos de antropologia do imaginário e as observações e vivências urbanas tiradas dos anos vividos. Considerando a cidade como uma criação do micro-universo mítico sintético é que descobriremos Atena e Ártemis, Deméter e Afrodite como forças complementares que organizam os agrupamentos humanos, das vilas às grandes metrópoles.

Palavras-chave: cidade. Urbano. Mitemas. Deusa.

13 de setembro de 2021 – Sessão de comunicações (15h15 – 18h)

IMAGINÁRIO E MERCADO RELIGIOSO: AS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DOS TERREIROS DE UMBANDA EM CURITIBA

Amanda Araujo Godoy (SINAPSE-UFPR)

A Umbanda, religião brasileira que sincretiza o Candomblé com influência do Catolicismo e do Espiritismo, converge em práticas presentes no imaginário coletivo, como rituais com defumações e banhos com ervas. Os Orixás são a manifestação divina através de espíritos-guias ou entidades, de forma geral, nas diferentes vertentes. No Brasil, a religião é diretamente ligada à construção social e ainda sofre preconceito, muitas vezes fruto da falta de conhecimento sobre crenças e práticas aliadas a informações falsas. O trabalho consiste em analisar sites de Terreiros de Curitiba e as necessidades dos praticantes e líderes. O objetivo é otimizar os processos de informação e estabelecer uma organização para as diversas vertentes da Umbanda, contribuindo para uma comunicação mais eficaz e a formação de novos conceitos acerca da religião. O projeto baseia-se em pesquisa de campo no Terreiro de Umbanda Vovó Benta, no bairro Bacacheri (Curitiba), análise da comunicação das casas da cidade, aplicação de questionário para membros a fim de traçar um perfil sócio/econômico/cultural mais preciso do umbandista e leituras dirigidas com foco na evolução do polissincretismo religioso presente nas manifestações atuais com base em autores da Antropologia do Consumo e complementares. Conclui-se que um aprofundamento nas pesquisas ainda é necessário, sendo a análise dos sites e a pesquisa o primeiro passo para estabelecer relação entre o discurso dos terreiros e o perfil de seus membros.

Palavras-chave: umbanda. Antropologia. Consumo. Imaginário. Comunicação.

A NARRATIVA MESSIÂNICA NA MITOLOGIA POLÍTICA DA CONSPIRAÇÃO: O CASO BOLSONARO

Aryoaldo de castro Azevedo Junior (UFPR)
Bruno Branco Pessanha Lopes (UFPR)
Ramon Fernandes Lourenço (Unila)

A construção de identidades marcárias segue o padrão das narrativas míticas, em que o protagonista supera desafios até atingir o seu objetivo, numa trajetória em que os obstáculos transpostos revigoram a força das ideias e do caráter do herói, materializados em ações que, no contexto contemporâneo, reverberam nas plataforma midiáticas. Este artigo tem como principal proposta desvendar a narrativa de Jair Messias Bolsonaro na trama de ações que tem caracterizado sua administração presidencial para a construção de uma mitologia representada pelo homem comum alçado ao poder na luta contra forças malignas que são enfrentadas de modo a proteger os reais interesses do povo. Para tanto é desenvolvido um estudo de caso com análise de conteúdo sobre as postagens no Twitter do presidente cotejadas às manchetes do jornal Folha de São Paulo, no ano de 2021, para identificar as disputas narrativas e de enquadramento relacionadas ao Messias. Como resultado, identifica-se a consolidação de um *storytelling* com predominância da categoria de Conspiração (Girardet,1987) na projeção da imagem pública do líder populista.

Palavras-chave: política; storytelling; narrativa; mídia.

INCONSCIENTE COLETIVO E O ARQUÉTIPO DO TRICKSTER: A CIRCULAÇÃO DA IMAGEM DO ZÉ PELINTRA NA MÍDIA PARA A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA

Diego Santos (UFSM)
Hertz de Camargo (UFPR)

Como o arquétipo do Trickster sobrevive e ressurge dentro da mídia fazendo referência à cultura brasileira? Para responder esse problema, partimos da figura do Zé Pelintra, o trickster da Umbanda brasileira e representação de malandragem, trapaça, boemia e safadeza. Conforme a metodologia Warburguiana (2010), símbolos fortes ressurgem na arte devido ao caráter do *pathos*, o que ele chama de *pathosformel*. Utilizaremos do estudo de figuras da mídia brasileira que estabelecem a relação direta com a malandragem, fazendo uma análise do arquétipo do Trickster e a concepção das pranchas de imagem para estabelecer a forma de sobrevivência do arquétipo no inconsciente coletivo brasileiro. Em um primeiro momento, abordamos as concepções dos mitos e arquétipo do Trickster, após, estabelecemos a relação com a Umbanda e a figura do Zé Pelintra, em uma terceira parte, trazemos as pranchas de imagens dos personagens da mídia brasileira que performam a malandragem e concluimos com as reflexões da sobrevivência da imagem e as características do inconsciente coletivo cultural brasileiro. O referencial teórico da pesquisa é sustentado pelos autores: Morin (2007), Jung (2011) e Warburg (2010).

Palavras-Chaves: Trickster. Zé Pelintra. Pathosformel.

ENCENAÇÃO E ENCARNAÇÃO: A TRAJETÓRIA DAS MACUMBAS NO CINEMA BRASILEIRO DOS ANOS 1960

Eduardo Martins Zimmermann Camargo (UFPR)

Neste artigo é traçado um panorama da macumba no cinema brasileiro dos anos 1960. A análise escolhe a título de objeto de pesquisa filmes de realizadores como Glauber Rocha, Anselmo Duarte e José Mojica Marins, observando em suas obras formas de encenação e encarnação das mitologias de matriz afro-ameríndia nas telas. Pretende-se observar a circulação de elementos sonoros, visuais e narrativos que transitam dos terreiros às telas, e vice-versa, partindo da macumba enquanto espaço de saberes e artes, traduzidos para o meio cinematográfico. Neste cenário, a pesquisa investiga o cinema de corpo fechado que atravessou o campo de batalha do contexto brasileiro dos anos 1960, assentado nas estripulias da cultura popular. Trata-se de um cinema encantado pelas mandingas, trilhado nas encruzilhadas e encarnado nas telas.

Palavras-chave: Cinema Brasileiro. Macumba. Mitologia.

DIÁLOGOS SOCIAIS IMAGINADOS: FILMES ETNOGRÁFICOS PELO OLHAR FEMININO

Eveline Stella de Araujo (GRAVI-USP, PPGCOM-UFPR)

A interação dialógica extra-muros dos filmes etnográficos ocorre tanto na sua produção quanto em sua circulação, compondo o imaginário social sobre o “Outro”. O **objetivo** desse paper é analisar o filme *O Arquitecto e a Cidade Velha* (2003), produzido pela antropóloga-cineasta portuguesa, Catarina Alves Costa, disponibilizado no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=jAuCJEW1-pw>). O potencial dialógico constitutivo dos filmes etnográficos e o imaginário coletivo sobre a África são as premissas da pesquisa. No **método**, as categorias de autoria, autenticidade e recepção, proposta por NOVAES (2010) são analisadas partir dos dispositivos de filmagem utilizados pela realizadora, considerando a definição de dispositivo de LINS e MESQUITA (2008). A relação ética e estética entre quem produz o filme e quem é filmado (DINIZ, 2008) permite observar qual a subjetividade das pessoas filmadas, considerando o contexto social e político vivido. O cinema é pensado como prática social (ARAUJO e GALLO, 2017) tensionado pelas relações interculturais, a partir de um olhar feminino (HOLANDA e TEDESCO, 2017) sobre o mundo. **Resultados.** O filme analisado revelou narrativas sociais tensionadas pelos processos de descolonização e pós-colonização, bem como a busca por autonomia na relação da comunidade com a natureza. O simbólico e o imaginário emergiram nos processos de ampliação de representatividade e construção de cidadania.

Palavras-chaves: Comunicação. Cinema de Mulheres. Antropologia Audiovisual.

UMA PERSPECTIVA ECOLÓGICA SOBRE AS IMAGENS ORIENTAIS: O CASO DO ANIMÊ DIGIMON ADVENTURE 2020

Genis Frederico Schmaltz Neto (UniFANAP NELIM/GEPLE)

Este estudo analisa a perspectiva ecológica ocidental a respeito do animê Digimon Adventure 2020 - criada por Akiyoshi Hongo e produzida pela Toei Animation/Bandai/Fuji Television. Essencialmente, narrativas japonesas tendem a trabalhar de maneira explicitamente mítica o embate herói *versus* vilão. No entanto, o roteiro desta animação, em seus sessenta e seis episódios, teve sua dinâmica alterada para herói *versus* problema-causado-pela-natureza, amargando sua receptividade ocidental, enquanto alcançava um público recorde em sua terra de origem. Dessa forma, é atravessando as reflexões suscitadas por Couto (2015); G. Durand (2002); Y. Durand (1985); Maffesoli (2004); e Schmaltz (2012) que se compreende como o regime noturno e crepuscular da imagem não estão sendo bem vivenciados por brasileiros, seja por conta da pandemia provocada pelo COVID-19, seja pelo sistema político-econômico, seja pela visão atual que se tem sobre o meio ambiente.

Palavras-chave: Animê. Cultura de massa. Discurso ecológico ocidental.

CULTURA ALIMENTAR: A LINGUAGEM DA FÉ E A RELAÇÃO ENTRE ALIMENTO E DIVINDADE NA UMBANDA

Hertz Wendell de Camargo (PPGCOM-UFPR)

João Emerson da Costa (Faculdade Dom Alberto, ECCOS-UFPR)

Terri Ulbrich (Faculdade Dom Bosco)

O idioma alimentar é um veículo de autorrepresentação e transmite valores simbólicos, mediando trocas culturais. Já que comer a comida dos outros é teoricamente mais fácil que entender sua língua, a cozinha seria a porta de entrada para contaminações culturais. A entrega de alimentos para divindades é uma prática antiga da humanidade. A comida passa a ser um discurso com vocabulário, morfologia, sintaxe e retórica próprios de cada cultura sob a forma de preparo, serviço e consumo. As culturas indígenas, africanas e europeias mostram através de seus alimentos e comidas a importância cultural que os tipos identitários formadores da Umbanda trouxeram para a sociedade que circunda os terreiros. A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, e com isto, miscigenada em sua formação como o próprio povo brasileiro. Fruto de uma mistura de rituais, sua cultura alimentar não poderia passar despercebida. O objetivo deste trabalho é identificar, analisar e refletir sobre a linguagem que revelam os alimentos na Umbanda em relação aos Orixás e guias. Para tanto, a metodologia empregada é a etnografia complementada com a revisão bibliográfica sobre mitologia ameríndio-afro-brasileira e estudos sobre a composição dos alimentos e seu valor nutricional. Como resultado, apresentaremos hipóteses de como o espiritual e o divino (ecologia sociocultural) influenciam o corpo físico (natureza) e comportamento religioso (psique) a partir dos sentidos e significados produzidos pelo amalá.

Palavras-chave: alimento. Cultura. Umbanda. Religiosidade. Ritual.

14 de setembro de 2021 – Palestra

UM CORPO COM APENAS UMA VOZ: IMAGENS DO ESTADO NAÇÃO E SUA IDEOLOGIA LINGUÍSTICA

Pere Comellas Casanova (Universitat de Barcelona)

O projeto linguístico do estado-nação é largamente adotado pelos atuais países em todo o mundo. Apesar das grandes diferenças nas formas políticas, origens, tradições e realidades jurídicas, certos elementos viraram quase constantes não só na planificação linguística como também na mentalidade da população. A metáfora do país como um corpo que só pode ter uma voz tenta aproximar-se ao imaginário desse projeto linguístico, do qual a apresentação oferece alguns exemplos recentes.

Palavras-chave: Ideologia linguística. Estado-nação. Ecolinguística.

14 de setembro de 2021 – Sessão de comunicações (10h15 – 12h)

**COMUNIDADE DE FALA ARTIFICIAL EM EVIDÊNCIA NA PANDEMIA:
AS SALAS DE AULA REMOTAS, SÍNCRONAS, À DISTÂNCIA**

Genis Frederico Schmaltz Neto (UniFANAP NELIM/GEPL)

Schmaltz (2017) chama atenção para o fato de que o espaço escolar não se origina pela necessidade de interação e comunhão de um povo, mas por uma decisão política e econômica – em outras palavras, há um sistema físico/social que modula uma interação comunicativa, mas independe de seus falantes. Em 2020, impulsionada pela pandemia de COVID-19, a escola migrou no mundo inteiro para o modo remoto, tentando e falhando ao reproduzir um modelo de interação que parecia funcionar muito bem enquanto seus falantes estavam face a face. Ao mesmo tempo em que revisitamos as reflexões de Couto (2005) e Devall; Sessions (2004), analisamos de que forma os professores em suas tentativas de locução transformam o espaço virtual, enquanto o chat se torna um novo [e abandonado?] território.

Palavras-chave: Comunidade de fala. Comunidade de fala artificial. Pandemia.

INTERSEÇÕES ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA, A ECONOMIA ECOLÓGICA E A ECOLOGIA POLÍTICA: O COMPROMISSO COM A NATUREZA E A JUSTIÇA SOCIAL

Gilberto Paulino de Araújo (UFT/ GEPL / NELIM/ SOLEDUC)

Davi Borges de Albuquerque (SEDUC-SE/ NELIM / GEPL)

O presente trabalho apresenta o diálogo entre a Análise do Discurso Ecológico (ADE) e outros dois campos dos estudos emergentes: a Ecologia Política e a Economia Ecológica. A metodologia empregada tem como base a pesquisa bibliográfica a partir da revisão das seguintes obras - *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente* (COUTO, 2007); *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos* (COUTO et al., 2016); e *O ecologismo dos pobres* (ALIER, 2007). Além de traçar um breve panorama das áreas em questão, o estudo aborda os impactos dos modelos político-econômicos pautados na superexploração da natureza sobre os ecossistemas e a vida dos grupos étnicos marginalizados, principalmente, os povos originários e as comunidades camponesas.

Palavras-chave: Análise do Discurso Ecológico. Ecologia Política. Economia Ecológica.

A RETÓRICA DA PRESERVAÇÃO: DE COMO OS DISCURSOS PODEM SER MOBILIZADOS PARA DESTRUIR A NATUREZA

Lorena Araújo de Oliveira Borges (UFAL/Nelim)
Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/Nelim)

O presente trabalho tem o objetivo de investigar como os discursos ocidentais hegemonizados de preservação da Natureza reiteram concepções que continuam fundamentando a opressão e a destruição da mesma. Para tanto, analisamos três textos publicados pela revista *The Economist*, em agosto de 2019, que abordam as queimadas e o desmatamento na Amazônia. À luz das propostas teóricas e metodológicas da Ecolinguística para o estudo do discurso (COUTO et al., 2015; STIBBE, 2015; BORGES, 2020; COUTO; FERNANDES, 2020) e dos estudos decoloniais (MIGNOLO, 2003; 2017; QUIJANO, 2000; 2007), buscamos compreender quais são os recursos semióticos mobilizados para escamotear a lógica da colonialidade/modernidade (MIGNOLO, 2017) que estrutura as nossas relações cotidianas. Na análise discursiva foi possível mapear diferentes recursos, como a modalização, o apagamento, dentre outros, que contribuem para o estabelecimento daquilo que chamamos de *retórica da preservação*, uma configuração discursiva que, ao apresentar o cuidado e a preservação da Natureza como uma necessidade imponderável para a sobrevivência daqueles que são considerados humanos, perpetua a opressão e a destruição da Natureza e das múltiplas sensibilidades de mundo (MIGNOLO, 2017) que a habitam.

Palavras-chave: Retórica da preservação. Lógica da colonialidade/modernidade. Ecolinguística e Estudos Decoloniais.

CONTRIBUIÇÕES DA DIVERSIDADE BIOCULTURAL PARA AS CATEGORIZAÇÕES DOS NOMES DOS ESPAÇOS GEOGRÁFICOS

Maria Célia Dias de Castro (UEMA/UEMASUL-PPGLE)

Todo o território brasileiro é identificado por conjuntos de nomes que revelam sua diversidade biocultural com nomes de lugares ou topônimos de origem indígena, portuguesa, de línguas africanas, entre outras. Esses topônimos, evocam informações significativas sobre as características do meio ambiente, os acidentes físicos e humanos, serras, rios, lagos, ribeirões, vilas, aldeias, e dos habitantes deste território, como seus produtos materiais, crenças, costumes, seus conhecimentos. Têm-se observado que os princípios de acionamento e atribuição de nomes de lugares, desde o início dos estudos onomásticos sistematizados, baseiam-se em uma perspectiva dessa biocultura. Desse modo, o objetivo deste trabalho é discutir a presença da diversidade biocultural nos sistemas macro e micro de categorização de três autores da Toponímia: Dauzat (1954 [1926]); Dick (1992), Martín Sarmiento (1925 [1745-1757]), incluindo-se Sapir (1985 [1949]), com uma perspectiva mais geral do léxico. Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa é bibliográfica referente aos modelos desses autores. Para isso, a análise baseia-se na Linguística Ecológica (COUTO et al, 2016; MAFI, 2016), no conceito de biocultura (MAFI, 2016) e nos estudos do léxico toponímico (COUTO, 2007; DICK, 1992; SAPIR, 1985 [1949]; MARTÍN SARMIENTO, 1925 [1745-1757]). Os resultados revelam que todos esses autores se baseiam na diversidade biocultural, reconhecendo as redes de relações intrínsecas entre a natureza física, a cultura e a linguagem humana e, como afirma Sapir, que as línguas portam as marcas do ambiente físico em que os falantes estão situados.

Palavras-Chave: Diversidade Biocultural. Sistemas de Categorização. Nomes de Lugares.

14 de setembro de 2021 – Palestra

O ECOSSISTEMA MENTAL DA LÍNGUA

Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL)

Partindo da ideia de que a Linguística Ecológica é um arcabouço geral a partir do qual se pode estudar todo e qualquer fenômeno da linguagem com o auxílio do método da focalização (*focussing method*), meu objetivo é mostrar que o ecossistema mental da língua se encontra em uma posição central no contexto dos ecossistemas linguísticos (natural, mental, social, integral). Por isso, tudo que é social é também mental e tudo que é mental é também natural e social. Com o auxílio de outras ciências como Psicolinguística, Neurolinguística, Conexionismo e até Psicologia, o linguista ecológico pode estudar diversos aspectos da língua como fenômeno mental. Aí se inclui a competência linguística, o conhecimento que cada falante tem das regras interacionais e das regras sistêmicas que lhe permitem se expressar e formar frases a fim de interagir com seu interlocutor. Um dos fenômenos que serão mencionados é a formação de itens lexicais (surgimento de palavras), mediante a ampulheta da lexicalização.

Palavras-chave: Ecolinguística. Linguística Ecológica. Ecossistema mental.

14 de setembro de 2021 – Sessão de comunicações (15h15 – 18h)

JULINHA, A MOÇA DO BAR, SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA E IMAGINÁRIO

Maria Ivoneti Ramadan (NELIM)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/CNPq/NELIM)

Desde que as correntes linguísticas criaram mecanismos com os quais um leitor/enunciário tem a prerrogativa de se colocar como coautor do texto, o analista do discurso, como leitor, encontra-se diante de um compromisso: o de não extrapolar o que de um texto se pode extrair em termos de sentido. Na tentativa de buscar o justo equilíbrio entre o que o texto suscita e a perspicácia interpretativa do leitor, recorreremos à Análise do Discurso Ecológico (ADE) para analisar o conto *O Bar*, de Ivan Angelo, com o propósito de descrever e analisar a construção dos sentidos gerados por *sujeitos* que empregam *linguagens* (face a face, virtual ou potencialmente) dentro de *contextos* ecológicos interacionais de comunicação: meios ambientes natural, mental, social. As considerações - nada conclusivas quanto ao percurso narrativo das personagens masculinas do conto - são respaldadas, subsidiariamente, por premissas estabelecidas pela teoria do Imaginário de Gilbert Durand e pela comparação com outras personagens literárias psicologicamente cindidas, de acordo com a teoria do duplo. Assim sendo, ao conjugar processos de análise, o analista ecológico do discurso apropria-se de um arcabouço teórico menos deslizante, propício a desvendar o inteligível, o sensível, o superficial e o profundo, enfim, o que se insere nos interstícios do texto. No entanto, em que pese o suporte teórico aplicado à análise, na tentativa de trazer à luz a intencionalidade do narrador e o que subjaz ao que está posto na construção dos enunciados narrativos, as estratégias de análise não são infalíveis. Além disso, a opacidade do texto literário, por seu caráter polissêmico, impõe ao analista se situar no terreno da verossimilhança e não no da verdade factual. Assim sendo, Julinha, a moça que entra no bar para telefonar, ao mesmo tempo que serve como modelo de denúncia social, também contribui para que o analista da ADE pondere sobre a necessidade de relações mais humanizadas entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Análise do Discurso Ecológico. Imaginário. Conto.

EU TE BENZO, EU TE LIVRO, EU TE CURO: UM ESTUDO DA FÓRMULA RELIGIOSA BENZEÇÃO

Natália de Paula Reis (UFG)

Por trás da prática religiosa da *benzeção* tem-se a ideia de curar por meio da palavra, da oração, na qual o benzedeiro é um intermediário entre Deus e aquele que busca a restauração da saúde. Ao abordarmos essa arte de curar, pretendemos, nesta comunicação, compreender, ecolinguisticamente, a construção discursiva de fórmulas religiosas utilizadas por benzedeiros e benzedeadas. Nesse contexto, os fundamentos teóricos e metodológicos deste trabalho envolvem a abordagem da Ecolinguística de Nenoki do Couto (2012) e Couto (2007, 2016). A constituição do *corpus* compreendeu textos escritos (rezas) utilizados por um benzedeiro, morador da cidade de Rubiataba (GO), situada no centro-norte do estado. Constatamos que, a partir das benzeções, os especialistas buscam inculcar crenças, pensamentos e valores na população que crê. Nessas práticas, o benzedor – que é legitimado socialmente para reproduzir esse conhecimento – direciona o fiel para uma ação e estabelece uma condição a ser cumprida para que a cura seja alcançada. Dessa forma, as fórmulas religiosas não são apenas meios curativos para se combater as enfermidades, mas também são elementos que se encontram intimamente ligados às relações estabelecidas dentro de uma comunidade.

Palavras-chave: Benzeção. Fórmulas religiosas. Ecolinguística.

MÍDIA, STORYTELLING E CRIAÇÃO LITERÁRIA: ENCONTROS E ANCESTRALIDADES

Hertz Wendell de Camargo (PPGCOM-UFPR)

Muito além de um livro adaptado às diferentes telas e imersa na sociedade do consumo, a atual criação literária do gênero narrativo ficcional é um processo atravessado pela estética e estrutura diegética de filmes e séries streaming. Nas últimas três décadas, grandes estúdios de cinema norte-americanos contribuíram para a formação de público consumidor de narrativas basicamente estruturadas em heróis e heroínas que empreendem uma jornada de autoconhecimento. Portanto, os objetivos deste artigo são apresentar uma crítica do storytelling e destacar as estruturas basilares e ancestrais da narrativa ficcional presentes no processo criativo de uma obra literária. Para tanto, a metodologia aplicada foi uma revisão bibliográfica dos conceitos de gênero narrativo e de storytelling, justapostos comparativamente ao processo de criação do livro inédito *Legião* (2021). Como resultado, verifica-se que tais influências já nascem assimiladas à criação ficcional confirmando não apenas como remodelaram o mercado editorial, mas que possuem estrutura e linguagem preparada para ser transmediatizada.

Palavras-chave: criação literária. Storytelling. Ficção. Mídia.

ANÁLISE DO CONTO *AS FORMIGAS*, DE LYGIA F. TELLES: UMA PERSPECTIVA SIMBÓLICA DA ANIMALIDADE

Jorge Lucas Marcelo dos Santos (UFG)

Com esta pesquisa, objetivamos, através do conto *As formigas*, de Lygia Fagundes Telles, descrever e analisar as imagens simbólicas do Regime Diurno, além de seus efeitos de sentido. Esse conto foi escolhido porque nele sobressai o tema da natureza e de sua relação com o homem, cujo tratamento simbólico se configura como parte de sua discursivização. O foco dessa análise recai sobre as manifestações simbólicas da animalidade cujos símbolos teriomórficos se revelam em abundância, como propõe Gilbert Durand, em *As estruturas antropológicas do imaginário*, especialmente em “As faces do tempo” e “O cetro e o Gálio”. Além disso, verificaremos o modo como as estruturas discursivas de superfície, temas e figuras, e seus procedimentos linguísticos edificam o sentido do texto. Para tanto, a principal base teórica é constituída pelos estudos do imaginário de Durand, além das contribuições da semiótica discursiva. Seguindo essa orientação teórico-metodológica, conclui-se o estudo examinando como os símbolos teriomórficos testemunham uma constelação de imagens simbólicas que proporcionam o conhecimento da essência humana por meio da animalidade presente no conto de Telles.

Palavras-chave: As formigas. Lygia F. Telles. Animalidade. Imaginário. Semiótica discursiva.

A CONSTRUÇÃO DE MOODS DE CONSUMO ASSOCIADOS AS CORES SOB A PERSPECTIVA DO IMAGINÁRIO E DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG

Letícia Salem Herrmann Lima (UFPR)

Amanda Prestes Serpe (UFPR e Grupo Boticário)

Carla Abdo Brohem (Grupo Boticário)

Lilian Longuini de Souza Wterkemper (Grupo Boticário)

Desenvolver estratégias publicitárias atrativas e com influência de consumo é um desafio na contemporaneidade, considerando as inúmeras opções de produtos oferecidos aos indivíduos. Diferentes alternativas de comunicação podem ser decisivas na tomada de decisão do consumidor. Os produtos são constituídos de forma a estapolar o universo dos bens, participando ativamente na construção de um imaginário de consumo. A presente pesquisa investiga a construção de moods, sentimentos atribuídos a situações diversas, projetados aos produtos a fim de se alcançar uma visão holística do consumidor. Para isso, utiliza-se como escopo os arquétipos na publicidade, sob a perspectiva de Jung, visando solidez estratégica na comunicação dos produtos e suas possíveis interpretações simbólicas. A metodologia baseou-se inicialmente em um questionário online quantitativo e, posteriormente, pretende-se aplicar uma metodologia de neurociência para validação e captação da resposta inconsciente, através do teste de associação implícita. Como categorias associativas foram elencados os moods e imagens constituídas por meio de características e percepções de cada arquétipo, e será feito um cruzamento da percepção do participante sobre as respectivas características e suas correlações com cores, considerando a psicologia das cores de Farina. Como resultado pretende-se chegar aos moods arquetípicos com cores associadas para aplicação em campanhas publicitárias e desenvolvimento de produtos cosméticos.

Palavras-chave: Moods publicitários. Arquetipologia. Imaginário do consumo.

MANEIRAS DE (VI)VER A CIDADE: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS PRÁTICAS CIDADINAS DOS JOVENS RURAIS GOIANOS

Lorrany dos Santos Ferreira (UFG)
Andréa Vettorassi (UFG)

Este estudo se insere no conjunto de reflexões sobre a juventude, em especial, aquela que reside no campo e mantém relações diárias com o espaço urbano. O trabalho busca identificar e analisar as práticas culturais e os imaginários dos jovens rurais experienciadas na cidade, ou seja, no contexto urbano. Para esse construto, foram pesquisados os jovens residentes na zona rural de Bela Vista de Goiás, região metropolitana de Goiânia, que migram cotidianamente para o município a fim concluírem o ensino médio. O foco da pesquisa são os estudantes do Colégio Estadual Pedro Vieira Januário Ensino Médio, exclusivamente aqueles entre a faixa etária de 15 a 24 anos. De modo geral, buscamos compreender os imaginários, as práticas culturais, as representações sociais e as vivências destes no que se refere ao trabalho, a migração, ao lazer e ao futuro profissional.

Palavras-chave: Jovens rurais. Cidade. Imaginários. Práticas culturais.

ELE AINDA ESTÁ ENTRE NÓS: A PÓS-VIDA DA IMAGEM DO DIABO NA SÉRIE LUCIFER (NETFLIX)

Nathalia Akemi Lara Haida (UFPR)

Durante dois mil anos a cultura cristã construiu uma imagem para Deus e para o Diabo, estes representados como opostos e poderosos, personificando as maiores forças do mundo. Deus retrata a bondade do mundo e o Diabo é o símbolo do mal. Com o passar dos anos esses simulacros se consolidaram e se modificaram. Observamos a imagem de Deus e do Diabo serem revisadas e relidas, caminhando ao encontro da série Lucifer da Netflix, o programa televisivo propõe a releitura de um dos personagens mais antigos da Terra e da história da humanidade. O objetivo desta pesquisa é identificar a pós-vida da imagem do Diabo e como ela se refaz no personagem principal da série Lucifer. Assim, em um primeiro momento vamos mapear as aparições mais populares do Diabo no audiovisual. Em seguida vamos analisar essas representações, buscando identificar o que as une e aproxima. Para atingirmos todos os objetivos traçados até aqui buscamos a teoria warburguiana de pós-vida da imagem. Para analisarmos os sentimentos que as imagens despertam e como elas se relacionam.

Palavras-chave: Diabo. Lucifer. Pós-vida da Imagem.

15 de setembro de 2021 – Palestra

MITO E STORYTELLING NA PUBLICIDADE: PROCESSOS DE CRIAÇÃO

Hertz Wendell de Camargo (PPGCOM-UFPR)

Apresentar as raízes ancestrais das narrativas ficcionais e suas relações com a publicidade é o principal objetivo dessa palestra. O conceito de mitologia para a publicidade é ricamente importante, pois o texto mítico e o texto publicitário são mais íntimos do que aparentam, especialmente nos processos de criação. O storytelling publicitário é chamado de storybrand, conceituado como uma narrativa que coloca em movimento símbolos e arquétipos a serviços de marcas, especialmente as marcas de luxo.

Palavras-chave: storybrand; mito; processos de criação.

15 de setembro de 2021 – Sessão de comunicações (10h15 – 12h)

OS TEMPOS/MODOS VERBAIS NA LINGUAGEM DA REGIÃO DE MAJOR PORTO (MG)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/CNPq/NELIM)

O objetivo deste trabalho é falar sobre a flexão dos verbos na linguagem rural de Major Porto. Mais especificamente, pretendo analisar como se dão as flexões de tempo, modo, número e pessoa nessa linguagem. A comunidade de Major Porto localiza-se no município de Patos de Minas (MG). Ela foi escolhida não só pelo seu relativo isolamento, com pouco contato com outras regiões de Minas Gerais e do Brasil em geral, mas também pelo fato de eu já a ter visitada algumas vezes, o que permitiu conhecer vários aspectos da linguagem praticada pelos seus moradores. A teoria utilizada é a Linguística Ecolinguística, cuja metodologia combina a observação participante com o método da focalização (GARNER, 2004). Por esse motivo, não será necessário recorrer a modernas teorias linguísticas, como a Gramática Gerativa. A terminologia da Gramática tradicional será suficiente, pois o que mais interessa é olhar para essa linguagem pelo que ela tem, não pelo que se diz que o “padrão” tem e nela estaria “faltando”, como concordância sujeito-predicado e núcleo-adjunto na locução nominal. O povoado de Major Porto será visto da perspectiva da comunidade de fala (ecossistema linguístico), com o que sua linguagem será vista como ela efetivamente é, sem esquecer que ela é parte de um *continuum* de dialetos rurais, com os quais mantém contato e até mesmo com a linguagem urbana/estatal.

Palavras-chave: Ecolinguística. Linguística Ecolinguística. Linguagem rural.

TOPONÍMIA DOS MUNICÍPIOS DE ALAGOAS SOB A PERSPECTIVA DA ECOLINGUÍSTICA

Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG/ POSLLI/ GEPLÉ)

Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS/ Etnobiologia e Patrimônio Biocultural)

Gilberto Paulino de Araújo (UFT/ NELIM/ GEPLÉ/ Etnobiologia e Patrimônio Biocultural).

O presente trabalho apresenta uma análise ecossistêmica dos topônimos alagoanos. O estudo do processo de nomeação dos 102 municípios teve como base as relações entre língua (L), povo/população (P) e território (T). Do ponto de vista teórico-metodológico, a abordagem foi realizada sob a perspectiva da Ecolinguística/Linguística Ecossistêmica (COUTO, 2016 e 2007) em interação com a Toponomástica (Cueva, 2015), Dick (1992), Martínez Lema (2010), Solís (1997) e Piel (1979). Além disso, recorreu-se à Biderman (2001) para auxiliar na categorização de alguns nomes compostos. A revisão bibliográfica pautou-se, também, em trabalhos toponímicos cuja fundamentação baseia-se na Ecolinguística, tais como Siqueira (2017, 2015, 2014), Castro (2017) e Silva (2020). O levantamento dos dados foi realizado por meio de consultas ao site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dentre os resultados, pode-se salientar que há uma estreita relação entre os locativos e os respectivos lugares nomeados, o que traz à mente não apenas a referência aos lugares como também o ambiente. Dito de outro modo, no processo de nomeação dos lugares, há fatores motivadores que refletem aspectos do(s) meio(s) ambiente(s) que compõe(m) o ecossistema linguístico.

Palavras-chave: Ecolinguística. Toponomástica. Topônimos.

POR PRETEXTO FORA DE CONTEXTO: A DINÂMICA DA DESINTEGRAÇÃO ECOSSISTÊMICA DAS FAKE NEWS

Samuel de Sousa Silva (UFMS/Nelim)

O nosso objetivo neste artigo é descrever a dinâmica das fake news: que elementos estruturantes discursivos são constitutivos desse tipo de discurso e quais práticas sociais ideológicas são representadas. Partiremos da heurística da Ecolinguística em que procuraremos delimitar o ecossistema integral da língua (COUTO, 2018) no qual esse discurso é produzido, e faremos o que Albuquerque (2015) entende a partir de Nash como sendo um "minimalismo empírico", a partir do qual se estuda um objeto por meio de suas inter-relações no interior do ecossistema delimitado. Vislumbramos na análise que no território virtual das redes sociais um determinado grupo de afinidades ideológicas se reconhece e empenha-se em divulgar e replicar a mensagem transmitida por um autor representativo do grupo. O que constamos como principal estratégia de convencimento por parte dos autores das fake News de seus interpelados é a retirada de uma dada informação de um contexto originário e sua aplicação a um outro contexto, em uma estratégia de desintegração de um ecossistema discursivo pela introdução de um elemento externo nocivo àquele ecossistema.

Palavras-chave: Ecolinguística. Linguística Ecológica. Fake News.

A INTERAÇÃO EM AUDIÊNCIAS NOS CONTEXTOS FORENSES: PROPOSTAS PARA UMA ECOLINGUÍSTICA JURÍDICA

Tadeu Luciano Siqueira Andrade (UnB/UNEB)

Nos contextos forenses, predomina uma interação que consiste no cumprimento do mandado institucional e pode ocorrer entre os profissionais do direito ou entre o cidadão leigo e os juristas que “detém” o conhecimento jurídico. Nesse caso, há uma assimetria entre os interagentes, por o cidadão não dominar os ritos processuais e as regras da audiência. Nesta pesquisa, temos como objeto de análise um processo que tramitou em uma comarca do interior do estado da Bahia referente à compra de um celular que, após poucos dias de uso, apresentou um problema, e o fornecedor nada resolveu. Por isso, o consumidor recorreu ao Poder Judiciário visando à defesa de seus direitos. No aspecto metodológico, adotamos os métodos da etnografia aliados aos fundamentos da linguística ecossistêmica para a análise dos dados coletados nas atas das audiências. Para tanto, dialogamos com a linguística ecossistêmica e com o direito. A fim de compreender as interações nas audiências em uma perspectiva holística, considerando o contexto, os integrantes do processo e as regras interacionais, fundamentamo-nos em Couto (2016; 2020), Capra (1996), Bang & Døør (2016), Everett (2019), Fill (2015), Del Corona (2009). Na descrição, da audiência como uma interação que envolve diversos aspectos não só jurislinguísticos, adotamos os pressupostos teóricos de autores que tratam do direito em uma perspectiva interacional, a exemplo de Alves (2010), Capra e Mattei (2018), Cappelletti e Garth (1988), Lira Filho (1995) Sousa Santos (2014), Sousa Junior (2009). Os resultados obtidos nesta pesquisa possibilitarão uma ecolinguística jurídica que, fundamentada na linguística ecossistêmica, contribuirá para uma visão da audiência como uma interação, possibilitando ao cidadão interagir e defender seus direitos a partir de sua realidade sociocultural.

Palavras-chaves: Direito. Linguística ecossistêmica. Relação jurídica processual.

15 de setembro de 2021 – Sessão de comunicações (14h – 16h45)

ANÁLISE DO ECOSISTEMA FICCIONAL EM “A MENOR MULHER DO MUNDO”, DE CLARICE LISPECTOR

Mayara Macedo Assis (UFG)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

Para a Linguística Ecológica (LE), a interação entre indivíduos em determinado território constitui o ecossistema linguístico. Assim como ocorre na Ecologia, quanto maior a diversidade, mais rico o ecossistema é. Tendo-se em vista os pressupostos da LE e a articulação entre a Literatura e a Análise do Discurso Ecológico (ADE), este trabalho consiste em uma análise do ecossistema ficcional do conto “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector. Busca-se aqui oferecer uma nova leitura para o texto canônico através da visão da ADE e de uma abordagem voltada para a interculturalidade, evidenciando a relação entre língua e cultura e de que modo a diversidade afeta a comunhão nas interações comunicativas. Para isso, adota-se o método da focalização característico da ADE, sem perder de vista a visão totalizante do ecossistema. Os resultados da análise demonstram que ainda há um longo caminho a ser trilhado para que a diversidade seja encarada como uma vantagem para o ecossistema linguístico e cultural, e não como motivo de preconceito. Por isso, propõe-se a adoção de uma visão ecológica de mundo (VEM), de modo a evitar a desarmonia, o desequilíbrio e o sofrimento.

Palavras-chave: Análise do Discurso Ecológico. Literatura. Interculturalidade.

O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDOS NA PRODUÇÃO VISUAL NINJA

Priscila Tobler Murr (UFPR)

Historicamente, os estudos relacionados ao processo de utilização imagética com objetivos de representação da realidade aparecem engendrados de polissemia. No âmbito informativo, a criação de novas formas de expressão incorporadas ao imaginário, provocam reflexos tanto na forma e conteúdo, quanto na maneira pela qual se pratica a atividade noticiosa. As relações práticas de produção e reprodução da vida social como um ponto nodal da autoprodução humana promovem rupturas com relação aos padrões até então vigentes, pois suscitam mudanças na linguagem e no que diz respeito à concepção estética. Com o objetivo de elucidação a respeito das fórmulas aplicadas às rotinas estéticas da narrativa, o presente trabalho propõe a análise das mensagens contidas no produto visual escolhido como objeto: o spot “EU FINANÇIO A MÍDIA NINJA”. A partir da proposta metodológica de Barthes (1990), e recorrendo a Charaudeau (2013), Enzensberger (2003) e Lorenzotti (2014), é possível apontar o esquema simbólico pertinente ao contexto, elucidando a questão relativa ao percurso gerativo de sentidos do spot.

Palavras-chave: Mídia NINJA. Imaginário Visual. Narrativa Estético-simbólica.

O ARQUÉTIPO DO *TRICKSTER*

Rafaeli Francini Lunkes Carvalho (UFPR-PPGCOM/ Unicentro)

Em uma sociedade do consumo na qual a imagem é fundamental para o mercado, pensar o rádio como mídia que opera mais o imaginário que a visualidade alça este veículo ao campo das complexidades estratégicas elaboradas para mantê-lo atraente para a audiência. No Paraná, a rede de emissoras radiofônicas Rádio T aposta no humor regional como o programa Bolicho da T, comandado pelo apresentador-personagem Juca Bala. O objetivo desta pesquisa é desenvolver um estudo sobre o imaginário no meio rádio e suas conexões com o *trickster*, personagem mítico presente em diversas culturas que tem como características a brincadeira, o deboche, o humor. Como apresentador-personagem Juca Bala cria imagens a partir da narrativa aplicando o arquétipo do *trickster* na rádio? A pesquisa contará com o auxílio do aporte teórico da Semiótica da Cultura. Concluimos que o personagem Juca Bala é uma reatualização do arquétipo do *trickster* que opera, por meio do rádio, sentidos ancestrais do imaginário cultural o que explica, em parte, seu sucesso no Paraná.

Palavras-chaves: Imaginário. *Trickster*. Rádio

A POMBAGIRA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS DO DISCO TRAVA LÍNGUAS DE LINN DA QUEBRADA

Renan da Silva Dalago (UEMS)

As fotografias de discos são, desde o início da indústria fonográfica até a atualidade, um importante meio de comunicação e divulgação de trabalhos de músicos e bandas. Por este viés, o presente trabalho busca demonstrar o uso das imagens fotográficas como importante forma de linguagem e meio de comunicação, bem como refletir e analisar seu conceito artístico. Para a análise prática será utilizada as fotografias do disco *Trava Línguas*, da cantora Linn da Quebrada. A reflexão a respeito dos significados da referida capa será feita por meio de estudos dos arquétipos e imaginário, pautando-se também na mitologia afro-brasileira, a análise será realizada a partir de estudos bibliográficos, como suporte para a análise, utilizamos as seguintes obras: *O que é imaginário* de Leplantine e Trindade (1996), *O que é mito*, de Everardo Rocha (1996), *O poder do Mito*, de Joseph Campbell (1988), *Mito e Significado*, Claude Levi-Strauss (1978), *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi (2001), entre outros autores. A partir da análise proposta nas fotografias que compõem o disco *Trava Línguas* de Linn da Quebrada, vemos a imagem de uma “pombogira contemporânea”, divindade afro-brasileira responsável pelo amor, sexo, libido, desejo e pela abertura de caminhos. Dessa forma, é possível concluir que as fotografias que compõem os discos podem se tornar uma relevante obra de arte, expressando conceitos e significados no imaginário do leitor/espectador.

Palavras-chave: Trava Línguas. Linn da Quebrada. Imaginários.

NAMING E DESIGN DE MARCA: O IMAGINÁRIO EM PROCESSOS DE IDENTIDADE VERBAL E VISUAL COM USO DE *EYE TRACKING*

Rodrigo Bueno (Sinapse, UFPR)
Hertz Wendell de Camargo (PPGCOM-UFPR)

Entender o comportamento do consumidor é a grande meta para qualquer estratégia de marketing de uma empresa. Não faltam autores em busca de respostas para decifrar o que se passa na mente humana, sobretudo de quem está comprando ou vendendo um produto. A partir da década de 1990, muitos profissionais das áreas do marketing, neurociência, psicologia, entre outras, vêm contribuindo com pesquisas e estudos acadêmicos acerca do Neuromarketing para compreender quais sensações e sentimentos uma marca é capaz de despertar nas pessoas. Sendo assim, o objetivo da pesquisa é identificar a existência de alguma conexão emocional entre o público-alvo e as opções de nomes e logotipos desenvolvidos em cima de parâmetros norteadores para a criação da marca da clínica de tratamento e reabilitação neurológica CENTIR e destacar qual logotipo despertou mais interesse nos voluntários. Para isso, a metodologia utilizada foi a análise do comportamento do consumidor, tanto biológico quanto cultural, e o uso do *Eye Tracking* (rastreamento ocular), com base nos conceitos de Oliveira e Rodrigues (2015). Como resultado, foi possível perceber que as cores e os símbolos utilizados tiveram influências significativas no logotipo com maior tendência de pregnância (fixação da marca na mente do consumidor).

Palavras-chave: marca. Logotipo. *eye tracking*. neuromarketing.

SONHOS DE CONSUMO, FÉ NO PARAÍSO E FUNK OSTENTAÇÃO: O VIDEOCLÍPE COMO ALTAR SACRIFICIAL

Sionelly Leite (UFPR)

Hertz Wendell de Camargo (UFPR)

O funk brasileiro é um ritmo que se mistura a experiências fundadas em aspectos paradoxais. Um dos subgêneros mais populares é o funk ostentação, que teve o videoclipe como palco para o sucesso, lugar onde podemos ver símbolos da vida social em atividade, e, assim, chegar a uma arquetipologia desse estilo. Para isso, o percurso teórico desta tese (em andamento) deverá tratar do imaginário sobre o consumo, funk e periferia. A questão central investiga qual tipo de paraíso o funk ostentação vem construindo nos vídeos, e para isso será necessário: a) classificar os elementos visuais nas narrativas dos vídeos do funk ostentação; b) investigar, pela análise fílmica, a construção imaginária da periferia sobre consumo; e c) analisar as relações entre funk, consumo e periferia. Pretende-se adotar o método de pesquisa qualitativo, partindo da a) revisão bibliográfica; b) análise de conteúdo (AC), com base na literatura de Laurence Bardin, e c) para a metodologia de análise, é possível pensar na análise fílmica de 30 vídeos lançados na plataforma digital YouTube entre os anos 2011 e 2020, com mais visualizações. A tese tratará da Antropologia do consumo, com Everardo Rocha; além de Gilles Lipovetsky, que traz à discussão a **sociedade do hiperconsumo** e a **felicidade paradoxal**. Para os estudos arquetípicos, cruzaremos conceitos importantes, como mito, com Joseph Campbell, e arquétipo, com Carl Jung.

Palavras-chave: Funk ostentação. Comunicação. Imaginário. Arquétipo. Antropologia do Consumo.

COR, CINEMATOGRAFIA E NEUROCIÊNCIA DO CONSUMO

Tiago Mendes Alvarez (UFPR)

O presente estudo busca aproximar os campos das ciências humanas e ciências biológicas, tendo como foco a investigação das cores no cinema, evidenciando o processo de consumo a partir dos diversos efeitos cromáticos experienciados por meio da cinematografia de filmes. Desta forma, com base nos estudos fenomenológicos da cor de Johann Wolfgang Von Goethe, parte-se do pressuposto de que o processo da sensação e da percepção cromática, obtido por meio da observação das imagens em movimento, conterà diversas etapas, envolvendo efeitos físicos, químicos e fisiológicos. Desse modo, se requerem para este estudo pelos menos duas abordagens que justificam esta pesquisa: que as cores pertencem a uma dimensão cultural profundamente arraigadas no imaginário, despertando diferentes sentidos em públicos com repertórios particulares, e, por outro lado, que as cores transmitem efeitos no nosso organismo, e consequentemente no nosso cérebro, alcançando uma dimensão neurofisiológica do corpo humano. Como o cinema representa parte da indústria cultural – influenciando em formas de ser e estar na sociedade e criando mapas culturais por meio do consumo – é passível de ser analisado pelos prismas da Antropologia do Consumo e da Neurociência do Consumo. A vista disso, torna-se latente que a cromaticidade contida na cinematografia de filmes possivelmente constrói vínculos de sentido e, que, por meio desses rituais de consumo, ocasiona efeitos de memória e de emoção nos cérebros dos espectadores.

Palavras-chave: cor. Cinematografia. Neurociência do consumo.

15 de setembro de 2021 – Palestra de encerramento

**VALOR MATERIAL VERSUS VALOR SIMBÓLICO NO VALOR DE
MERCADO: ENTROPIA ESTRUTURANTE DO SISTEMA – MUNDO
CAPITALISTA**

Samuel de Sousa Silva (UFMS)

Conforme aponta Marx em “o capital” ao expor a problemática do fetiche da mercadoria; dado a maneira anônima por meio da qual se estrutura a produção no capitalismo, as formas sociais socialmente reconhecidas de riqueza teriam a característica de aparecerem como as verdadeiras fontes do valor, apagando a história e as relações sociais realmente existentes que foram necessárias para sua produção. Expandindo essa noção do fetiche marxista, o economista e matemático romeno Georgescu-Roegen, que busca compreender os sistemas econômicos a partir de seu comportamento termodinâmico; ressalta que no sistema capitalista as mercadorias são valorizadas crescentemente à medida que são processadas industrialmente (em um processo dissipador de energia), ele estabeleceu que o progresso capitalista produziria uma entropia crescente no sistema e caminharia inexoravelmente para seu próprio esfacelamento, à medida que incentiva o consumo crescente de matérias primas sem qualquer processo de reposição. Nesse sentido, o processo de constituição dos valores simbólicos e ideológicos do capitalismo teriam como função o apagamento de toda materialidade e energia esgotadas para a produção do valor capitalista, o lucro. Sendo assim, o capitalismo como sistema estruturante de esgotamento de recursos materiais e energéticos não renováveis é incompatível com a noção de ecossistema em que seres vivos e não vivos convivem e usufruem de recursos a fim de uma harmonia entre os diversos elementos constituintes do ecossistema e a sobrevivência e evolução do todo ecossistêmico.

Palavras-chave: Valor material. Valor simbólico. Capitalismo.

